

TROCA DE CARTAS: INTERVENÇÕES DIDÁTICAS MATERIALIZADAS A PARTIR DA OBRA A CARTA DE GILDO

Manuela Pires Weissbock Eckstein¹
Kassiane Boita Kappes²

INTRODUÇÃO

Escrever cartas e trocá-las, carrega uma dimensão estética e literária indiscutível. Foi com essa premissa que o projeto de extensão “Troca de Cartas” iniciou. A intenção foi envolver alunos de escolas do ensino fundamental e acadêmicos do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó, para vivenciar a prática da escrita de cartas e promover ações de leitura, escrita, compreensão textual e conexão humana.

Para os acadêmicos do Curso de Pedagogia, o intuito tem sido promover um olhar atento a diferentes intervenções didáticas e pedagógicas em leitura e escrita, oriundas de alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A “troca de cartas”, neste sentido, tem em todas as dimensões, traduzido eixos articuladores da escrita, da leitura e de um olhar atento para o outro.

Ao longo do projeto extensionista, os alunos das escolas de ensino fundamental são “apadrinhados” por alunos do Curso de Pedagogia da UFFS, Campus Chapecó. Os professores das escolas trabalham com intervenções de escrita das cartas, desde a compreensão de sua estrutura à expressão de pensamentos e sentimentos das crianças, que são encorajadas a se apresentarem, compartilharem suas histórias, sonhos, interesses e cotidiano, criando um diálogo aberto com seus correspondentes.

A integração entre ações da universidade com a comunidade acontecem de forma muito particular e são postas em discussão e estudo, pois além das “trocas de cartas”, a Coordenação do Projeto abre, por semestre, encontros virtuais para discutir com os acadêmicos, propostas de intervenção que poderiam realizar, se fossem os professores destes estudantes. O objetivo deste grupo é incentivar a pesquisa e a discussão de intervenções pedagógicas em leitura e escrita que podem ser iniciadas a partir deste projeto.

A justificativa para a implementação desta ação extensionista, reside em múltiplos aspectos, entre eles, o desenvolvimento de repertório linguístico, principalmente ligado ao estímulo da capacidade de expressão da escrita, ampliação do vocabulário e aprofundamento da compreensão leitora. Ao formular pensamentos e sentimentos de forma coerente, os estudantes aprimoram suas competências linguísticas.

Além disso, a valorização de uma comunicação intencional é importante, pois em contraste com a rapidez e superficialidade, frequentemente associadas às

¹ Doutora em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná. Professora do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó/SC. manuela.eckstein@uffs.edu.br

² Estudante da 6ª fase do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó. Bolsista do Programa de Educação Tutorial Assessoria Linguística e Literária da UFFS - Conexões de Saberes. Integrante do Projeto de Extensão Troca de Cartas: intervenções didáticas e pedagógicas em leitura e escrita - ufs. kassiane.boita@estudante.uffs.edu.br

interações digitais, a escrita de cartas requer tempo, reflexão e cuidado na sua organização textual. Esse processo promove uma apreciação pela comunicação intencional e pelo valor das palavras e do pensamento. O estímulo à criatividade e à expressão pessoal também é um elemento articulador desta ação didática e pedagógica, pois a carta como meio de expressão permite que possamos, com os estudantes, explorar diferentes formas de se colocar em diálogo, incluindo a escolha das palavras, a personalização do papel e do envelope, por exemplo. Para além disso, há a construção de relacionamentos significativos entre os participantes, promovendo uma sensação de pertencimento e de conexão com sujeitos, mesmo em um primeiro momento desconhecido. Por fim, há também a possibilidade do debate sobre a escrita e sobre o gênero textual carta, que pode ser ensinado como uma prática histórica que faz parte do patrimônio cultural da humanidade.

1 METODOLOGIA

Registra-se neste texto, práticas extensionistas desenvolvidas no Projeto “Troca de Cartas: intervenções didáticas e pedagógicas em leitura e escrita”, oficializado como projeto de extensão na Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Chapecó. Descreve-se, metodologicamente, o percurso do projeto no segundo semestre de 2024 até a elaboração do presente relato.

No início do semestre, a coordenação do projeto divulgou a proposta junto aos estudantes do Curso de Pedagogia, o que resultou na formação de um grupo de acadêmicos, tanto do Curso de Pedagogia quanto do Curso de Letras. Para fins de organização e comunicação, criou-se um grupo no aplicativo WhatsApp e definiram-se três encontros formativos.

O primeiro encontro destinou-se à apresentação do projeto, de seus objetivos e do cronograma das trocas de cartas. No segundo encontro, foi realizada a leitura e análise das primeiras cartas recebidas das crianças, seguida da sistematização de um estudo baseado na obra *A Carta de Gildo*, de Silvana Rando. A partir desse estudo, os acadêmicos elaboraram respostas às crianças, incorporando orientações conceituais previamente indicadas pela coordenação, conforme detalhado na Seção 3 - Resultados e Discussões. O terceiro encontro finalizou o ciclo de atividades extensionistas do semestre. Nele, refletiu-se sobre as práticas realizadas e discutiram-se propostas de continuidade das intervenções, considerando a atuação dos acadêmicos em uma perspectiva docente.

Para consolidar e divulgar os resultados do projeto, a coordenação convidou um dos acadêmicos participantes a sistematizar as experiências em forma de texto, resultando no presente documento.

2 REFERENCIAL TEÓRICO E/OU DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Ao dialogar com Vigotski, Smolka (2017) garante que a criança aprende de forma mais significativa quando participa em atividades coletivas, que criam sentido para ela e nas quais sua atuação seja perfeitamente assistida e guiada por alguém que tenha competência e que exerça um certo direcionamento. Na sua ótica, nós não reagimos imediatamente a estímulos, pois nosso comportamento é semioticamente mediado, respondendo a significados que atribuímos a situações, cuja interpretação depende de um contexto cultural. Essa relação semiótica está

presente, tanto nas origens sociais das funções psicológicas superiores, como nas práticas da cultura.

Nesse contexto, a mediação assume um papel importante, uma vez que o comportamento e a compreensão não reagem de forma automática a estímulos isolados, mas mediados por signos e significados, elementos presentes na cultura em que estamos inseridos. Essa relação semiótica, que atribui sentido às ações e à interação social, é fundamental tanto na origem social das funções psicológicas superiores, quanto nas práticas culturais de uma dada comunidade. Assim, a aprendizagem não se dá de maneira isolada, mas mediada por signos, símbolos e práticas culturais que configuram uma relação dinâmica entre o sujeito e seu ambiente, o que mostra a importância de atividades colaborativas orientadas por sujeitos que auxiliam na construção de sentidos e conhecimentos diferentes daqueles que se tinha inicialmente.

Ao envolver-se na produção de cartas, os estudantes têm a oportunidade de explorar diferentes recursos da linguagem escrita, como a estrutura textual, a organização das ideias, a ortografia, a pontuação, além de aspectos relacionados à coerência, à coesão e ao estilo da escrita. Esses elementos são essenciais para compreender a escrita como uma prática social e cultural, que reflete e constrói os sentidos compartilhados em uma comunidade.

[...] A linguagem escrita é produção humana [...] sendo que a forma escrita de linguagem é apontada como meio/modo de criação e (trans)formação de elaboração da consciência coletiva e individual [...] (Cardoso, 2019, p.357).

A escrita de cartas possibilita o contato com diferentes formas discursivas, o que ajuda a ampliar a capacidade comunicativa, bem como a compreensão e o papel social da escrita. Também estimula a reflexão sobre aspectos como o registro adequado, a formalidade ou informalidade, o uso de elementos emotivos e a construção de narrativas pessoais, o que, de certa forma, demonstra como a linguagem escrita transcende uma função meramente escolar, tornando-se uma prática de sentido, que favorece a interação social, a expressão de sentimentos e a participação ativa na cultura letrada.

Essa atividade reforça que a linguagem escrita é um componente de um sistema maior de significados culturais e sociais, cuja apropriação exige o desenvolvimento de habilidades específicas e uma compreensão aprofundada de seus usos e funções. Ao experimentar expressar-se por meio da escrita, os estudantes podem internalizar não apenas as regras formais, mas também os valores e sentidos associados à comunicação escrita, o que pode contribuir para a formação de sujeitos críticos e criativos, capazes de atuar de forma consciente e articulada no mundo.

É através dos homens que se expressa a temática significativa e, ao expressar-se, num certo momento pode já não ser, exatamente, o que antes era, desde que haja mudado sua percepção dos dados objetivos aos quais os temas se acham referidos (Freire, 1987, p.57).

Neste movimento, a leitura e a escrita, na perspectiva Freiriana, é um ato político e social que transforma e constrói uma sociedade mais justa e igualitária. Ao promover a diversidade cultural através da leitura e da escrita, estamos contribuindo para a formação de cidadãos mais críticos e conscientes, proporcionando para os mesmos, a oportunidade de conhecer a pluralidade e prepará-los para viver em um mundo cada vez mais complexo.

Um aspecto importante em nossos estudos, refere-se ao entendimento da linguagem, como elemento fundante das práticas pedagógicas. Revisitamos esse conceito em Vigotski (2009). A linguagem, como um sistema de signos, criado historicamente, contribui para o processo de humanização do sujeito; o faz se apropriar da cultura humana e dos conhecimentos mais elaborados. Para que o ato de humanização ocorra, a linguagem deve se configurar como um instrumento não material, instituído nas relações sociais e que assim, possibilita o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, como o pensamento, por exemplo.

Nossa defesa aqui, é observar como as crianças e os adultos envolvidos com esse projeto de extensão, materializam a defesa de Vigotski (1983): a linguagem se manifesta inicialmente, a partir de um processo interpsíquico, externo, para depois se tornar uma função psicológica intrapsíquica, ou seja, interna. “[...] Toda função psíquica superior era externa, porque era social e não interna; a função psíquica em si era anteriormente uma relação social das pessoas” (Vigotski, 1983, p. 150). Está aqui o elemento que interliga nossos estudos, quando falamos em escrever e trocar cartas. Ao pensarmos em intervenções didáticas e pedagógicas em leitura e escrita, o elo das nossas propostas deve ser a PALAVRA. Ela permitirá a relação entre pensamento e linguagem, porque “[...] designa ações, relações, reúne objetos em determinados sistemas. Dito de outra forma, a palavra codifica nossa experiência” (Luria, 1986, p. 27).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante o segundo semestre de 2024, um grupo formado por dezesseis acadêmicos do Curso de Pedagogia e Letras da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó, se comunicaram com uma turma de alunos do segundo ano de uma escola particular do município de Chapecó, no Estado de Santa Catarina. A professora regente da turma apresentou o projeto para as crianças e logo iniciaram a escrita das cartas aos acadêmicos da UFFS. Durante o semestre, houve quatro trocas de cartas.

Ao receberem as primeiras cartas, o grupo de acadêmicos, juntamente com a coordenadora do projeto, reuniu-se em um encontro virtual, realizado via Meet, para discutir as estratégias de mediação a serem adotadas a partir daquele momento inicial. Durante a reunião, refletiu-se sobre as cartas enquanto gênero textual, destacando os sentidos produzidos, tanto para quem escreve quanto para quem as recebe. Segundo Leontiev (1983), o sentido emerge da relação objetiva entre o motivo da atividade — aquilo que impulsiona a ação do sujeito e que se torna próprio dele — e o fim da ação, isto é, o resultado imediato para o qual a ação se orienta. Já o conceito de significado, indica a generalização da realidade.

Assim, defendemos que o sentido se cria a partir da linguagem interior. Vigotski (2009, p. 148) afirma que

[...] a linguagem interior se desenvolve mediante a um lento acúmulo de mudanças estruturais e funcionais; que ela se separa da linguagem exterior das crianças ao mesmo tempo que ocorre a diferenciação das funções social e egocêntrica da linguagem; por último, que as estruturas da linguagem dominada pela criança tornam-se estruturas básicas de seu pensamento [...].

Essa defesa nos coloca em uma posição importante enquanto professores. É certo que precisamos pensar em intervenções didáticas que tenham a mediação do

conhecimento como seu instrumento articulador. É preciso compreender que o desenvolvimento do pensamento e da linguagem depende de “[...] instrumentos de pensamento e da experiência sociocultural da criança” e que a linguagem interior consegue se desenvolver a partir do domínio “[...] dos meios sociais de pensamento, isto é, da linguagem” (Vigotski, 2009, p. 149). Assim, por meio da linguagem é que será possível “[...] a construção, a fixação e a generalização dos conhecimentos”, de forma que a criança possa superar a função primária de comunicação.

Nossa discussão no grupo de estudos centrou-se em trabalharmos propostas de intervenção didática e pedagógica a partir da obra *A Carta de Gildo*, da escritora e ilustradora Silvana Rando. Consideramos que o livro é repleto de possibilidades para o trabalho com o gênero textual “carta”, porque permite ir além da leitura e da escrita formal, promovendo uma vivência afetiva e significativa com a linguagem. Pensamos, de forma coletiva, que o ponto de partida da intervenção seria a leitura compartilhada com as crianças, possibilitando um envolvimento ativo com os personagens, com a narrativa, com as diferentes formas de resposta às cartas extraviadas da história e as ilustrações. Durante esse momento, sugerimos explorar aspectos como a oralidade, a escuta atenta, as ilustrações e os múltiplos sentidos do texto. A história de Gildo e seus colegas, que escrevem cartas para uma amiga que mudou de escola, gira em torno de que as cartas tiveram destinatários diferentes porque a sacola do carteiro furou e as cartas foram parar em lugares diferentes. Os amigos de Gildo acabaram recebendo respostas inusitadas de desconhecidos que tinham recebido as cartas, o que abre espaço para a imaginação, o humor e a diversidade de linguagem durante a história.

Após a leitura da história, pensamos em propor uma investigação coletiva sobre o gênero “carta”, destacando seus elementos estruturais, como saudação, remetente, corpo do texto, despedida e assinatura, bem como sua função comunicativa. A partir desse momento, pode-se convidar as crianças a escrever suas próprias cartas. Nosso interesse é que as práticas do Projeto de Extensão “Troca de Cartas” possam estar em ação neste momento. Se não for possível, pode-se trocar cartas com colegas de outras turmas e escolas, por exemplo. O objetivo é que essas produções valorizem a autoria infantil e permitam o uso de desenhos, colagens, enfeites e fotografias, como forma de expressão complementar à linguagem escrita.

Para dar materialidade à experiência, também pensamos enquanto grupo, na instalação de uma caixa de correio na escola, que pode servir de ponto de envio e recebimento das correspondências. A existência dessa caixa cria um espaço simbólico de troca e pertencimento, fortalecendo a ideia de que escrever é um ato de comunicação com o outro e de produção da escrita.

As cartas recebidas podem ser usadas como materiais de estudo e reflexão. A partir delas, é possível propor atividades estruturadas, como a criação e estudo de mapas (em Geografia) para localizar de onde vieram as respostas; a produção de selos, envelopes e ilustrações (em Artes); a contagem, classificação e análise das cartas (em Matemática); e debates sobre formas de comunicação ao longo do tempo (em História). Também é possível trabalhar o uso de diferentes registros linguísticos, variações regionais, expressões afetivas e características próprias de bilhetes, cartões-postais e outros gêneros textuais. Também pensamos na organização de um mural, de uma exposição ou da produção de um pequeno livro com as cartas escritas e recebidas pelas crianças, promovendo a valorização de suas produções e o compartilhamento da experiência com a comunidade escolar. Reconhecemos que

a mediação do professor é importante na escrita das cartas, pois é possível pensar em conjunto com as crianças diferentes estratégias de escrita e leitura.

Em síntese, reconhecemos que nossos encontros de estudo proporcionaram escuta e discussão ativa na produção de intervenções didáticas e pedagógicas inspiradas em uma proposta discursiva, em prol do desenvolvimento do pensamento e da linguagem. Ancorados nos estudos da Teoria Histórico-Cultural, pensamos e indicamos neste texto, intervenções que reforçam nossa compreensão da linguagem como função psicológica superior que tem possibilitado, ao longo dos anos, um salto no desenvolvimento do homem como um ser sócio-histórico. Ao indicarmos que a linguagem é o instrumento de inserção da criança no mundo da cultura, acreditamos que é por meio dela que a criança terá acesso ao conhecimento concreto, científico e, portanto, à formação do conhecimento teórico.

CONCLUSÃO

O projeto de extensão "Troca de Cartas" tem uma proposta formativa tanto para os acadêmicos do Curso de Pedagogia e Letras da Universidade Federal da Fronteira Sul, quanto para estudantes do ensino fundamental envolvidos nesta experiência. A escrita de cartas, enquanto atividade estética, literária e comunicativa, mostrou-se uma ação capaz de articular dimensões afetivas, culturais e cognitivas, promovendo o desenvolvimento do pensamento e da linguagem.

A experiência compartilhada neste texto, possibilitou um olhar atento e de escuta sensível às manifestações de linguagem das crianças, além de fomentar a discussão e criação de propostas de intervenções didáticas e pedagógicas em leitura e escrita. Ao trocar cartas, os participantes vivenciaram concretamente a dimensão social da linguagem, conforme fundamentado na Teoria Histórico-Cultural, reafirmando o papel da mediação e da palavra na constituição do pensamento e na formação da consciência.

As trocas de cartas transcenderam o simples ato de escrever: constituíram-se em espaços de construção de sentidos, de ampliação do repertório linguístico e de fortalecimento das práticas de autoria. Nesse processo, reafirmou-se que a linguagem, enquanto instrumento de mediação cultural, é fundante na constituição do sujeito, na sua inserção no mundo da cultura e na apropriação do conhecimento teórico.

Ao valorizar a escrita de cartas como prática pedagógica, também reforçou-se a comunicação intencional, do tempo de reflexão e da construção de propostas didáticas mediadas, no sentido literal da palavra. Investir na leitura e na escrita, a partir de práticas significativas e socialmente mediadas, é propor a formação de sujeitos críticos, criativos e sensíveis à pluralidade humana. Para além, investimos em um processo formativo a longo prazo, reiterando o compromisso da universidade pública com a formação humana, alicerçada na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, C. J. **A alfabetização como processo discursivo: 30 anos de A criança na fase inicial da escrita.** ReVEL. vol. 17, n. 33, 2019. Disponível em: <https://www.revel.inf.br/files/cc09721944e9d150bf0ec73bb5f7f684.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e terra. 1987. Disponível em: <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/10/Pedagogia-do-Oprimido-Paulo-Freire.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2024.

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo.** Lisboa: Livros Horizonte, 1983.

LURIA, A. R. **Pensamento e linguagem:** as últimas conferências de Luria. Tradução de Diana Myriam Linchtentein e de Mário Corso. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

RANDO, S. **A carta do Gildo.** 1. ed, [S.I], Brinque E-BOOK. 2018. p.32. ISBN 8574125709.

SMOLKA, A. L. B. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo.** Campinas, São Paulo: Cortez, 2017.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

VYGOTSKY, L. S. **Obras escogidas.** Tomo III. Moscú: Visor, 1983.